



PSICOESFERA NEOLIBERAL E OS DOIS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA: UMA ANÁLISE DOS ENTREGADORES CICLISTAS DAS PLATAFORMAS DIGITAIS EM CAMPOS DOS GOYTACAZES-RJ

Gerson dos Santos Silva ¹

Silvana Cristina da Silva ²

RESUMO

A partir da atual encruzilhada histórica que vivemos, marcada pela neoliberalização da economia, crise sanitária e aprofundamento da crise de acumulação e circulação capitalista, o presente trabalho objetiva lançar contributos para investigação dos nexos entre a renovação das formas de gestão, controle e exploração do trabalho realizadas pelas empresas de plataforma digital e seus desdobramentos na dinâmica de trabalho dos entregadores ciclistas vinculados às plataformas. Buscamos refletir sobre essa problemática a partir da Teoria dos dois circuitos da economia, de Milton Santos, dando especial relevo sobre os elementos constitutivos da *psicoesfera neoliberal* e sua importância como componente fundamental à difusão generalizada de comportamentos e intencionalidades comprometidos com a fabricação dos consensos e adesão às formas de engajamento em trabalhos intermitentes e precarizados.

Palavras-chave: Uberização, psicoesfera, dois circuitos da economia urbana, neoliberalismo.

ABSTRACT

From the current historical crossroads, marked by the neoliberalization of the economy, the sanitary crisis and the deepening of the crisis of capitalist accumulation and circulation, this work aims to launch contributions to the investigation of the links between the renewal of forms of management, control and exploitation of work carried out by digital platform companies and their consequences in the work dynamics of cyclist delivery people linked to the platforms. We seek to reflect on this issue based on Milton Santos' Theory of Two Circuits of Economics, giving special emphasis to the constituent elements of the neoliberal psychosphere and its importance as a fundamental component to the widespread dissemination of behaviors and intentions committed to the fabrication of consensus and adherence to forms of engagement in intermittent and precarious work.

Keywords: Uberization, psychosphere, two circuits of urban economy, neoliberalism.

ABSTRAIT

A partir du carrefour historique actuel, marqué par la néolibéralisation de l'économie, la crise sanitaire et l'approfondissement de la crise de l'accumulation et de la circulation capitalistes, ce travail vise à lancer des contributions à l'investigation des liens entre le renouvellement des formes de gestion, le contrôle et l'exploitation des travaux réalisés par les entreprises des plateformes numériques et leurs conséquences sur la dynamique de travail des livreurs cyclistes liés aux plateformes. Nous cherchons à réfléchir sur cette question en nous basant sur la théorie des deux circuits de l'économie de Milton Santos, en mettant l'accent sur les éléments constitutifs de la psychosphère néolibérale et son importance en tant que composante fondamentale de la diffusion généralisée des comportements et des intentions engagés dans la fabrication de consensus et d'adhésion à des formes d'engagement dans le travail intermittent et précaire.

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense – UFF/Campos dos Goytacazes, gersonsantos@id.uff.br;

² Doutora do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense – UFF/Campos dos Goytacazes, silvanasilva@id.uff.br;



Mots-clés: Ubérisation, psychosphère, deux circuits de l'économie urbaine, néolibéralisme.

INTRODUÇÃO

No horizonte dos espaços globalizados as empresas de tecnologias digitais apresentam-se como as novas hegemonias face às transformações contemporâneas no mundo do trabalho, sobretudo diante das dramáticas reformas neoliberais intensificadas no Brasil pós-2016 e da atual pandemia do COVID-19 que apresenta, como tendência, a precarização generalizada. Nesse sentido, a presente pesquisa busca compreender como esse fenômeno se manifesta a partir da análise da dinâmica do trabalho dos entregadores ciclistas vinculados às plataformas digitais atuantes na cidade de Campos dos Goytacazes, procurando refletir a renovação da exploração sobre esses trabalhadores, do circuito inferior, e a formação de uma *psicoesfera* aderente aos princípios neoliberais.

A hipótese que temos desbravado é a de que as empresas de plataforma digital – atuantes em escala global – que compõem o *circuito superior*, têm promovido um reordenamento produtivo do capital aprofundando suas articulações com o *circuito inferior* pelas novas formas de subsunção do trabalho que deflagra, o que resulta na intensificação da exploração do trabalho e precarização generalizada sobre os lugares. Essa dinâmica que emana das modernizações em curso encontra-se intimamente ligada ao desenvolvimento de uma nova base imaterial que lhe dá suporte: a *psicoesfera neoliberal*. Diante disso, objetivamos investigar e expor os novos nexos entre as formas de gestão, controle e exploração do trabalho realizadas pelas corporações no circuito superior e seus desdobramentos no circuito inferior, refletindo sobre os elementos constitutivos dessa *psicoesfera*, mediação imaterial diretiva de comportamentos e intencionalidades, imprescindível à fabricação dos consensos e adesão às formas de engajamento no trabalho uberizado.

A presente pesquisa justifica-se na possibilidade de lançarmos contribuições para uma leitura da economia urbana campista no período da digitalização do território. Somado isso, a partir do par dialético *tecnoesfera* e *psicoesfera* podemos analisar o atual processo de apropriação produtiva de sentimentos e afetos, desvelando particularidades na formação da *psicoesfera* presente no trabalho dos entregadores ciclistas por aplicativo.

APORTE TEÓRICO

A expansão de uma tecnoesfera digital aprofunda as bases do período histórico contemporâneo, atualizando o meio geográfico racionalizado a partir dos processos de digitalização da sociedade e do território. Essa nova esfera técnica, da vida e da produção, é



indissociável de uma nova *psicoesfera*, ou seja, uma esfera imaterial que objetiva materializar a adesão generalizada de novos vetores subjetivos (valores, visões de mundo, hábitos, comportamentos) fundamentais frente ao atual reordenamento produtivo do capital. A *tecnoesfera* hipermoderna e racionalizada encontra-se intimamente ligada aos processos perversos de sociabilidade que se inscrevem no espaço urbano – esse espaço urbano concretiza a forma e conteúdo dessas modernizações, bem como, expõe as profundas desigualdades sociais.

A expansão da tecnoesfera digital se inscreve no horizonte histórico da globalização (SANTOS, 1996) onde, as finanças, a técnica e a informação conformam os vetores centrais de uma nova divisão social e territorial do trabalho, sinalizando uma nova forma de uso do território. A expansão do poder dos Estados e grupos hegemônicos, bem como, o aumento da velocidade de circulação (de bens, mercadorias, afetos, ideias) estão no cerne da globalização. A partir de processos extremamente racionais – que objetivam aproximar cada vez mais oferta e demanda, produção e consumo – toda atividade finalística torna-se mais calculável e eficaz. Assim sendo, o território passa a ser produzido para alcançar a fluidez efetiva, potencializando, especialmente, a flexibilização do trabalho. Portanto, trata-se de um novo meio geográfico marcado pela expansão de formas materiais (sistema de objetos) e imateriais (sistema de crenças, desejos, comportamentos práticos) que encontram sua síntese nas cidades, ou seja, no conjunto das sociabilidades urbanas que concretizam o atual meio técnico-científico-informacional. Nesse sentido, Georges Friedmann nos mostra que:

O novo meio estende em torno do homem uma rede cada vez mais cerrada de estimulações, de solicitações ocasionais ou permanentes, de condições de existência profundamente modificadas em comparação com as de seus avós: ninguém pode duvidar que seu psiquismo, e particularmente, suas maneiras de sentir, de perceber, de imaginar, de querer, não tenham sido atingidas pela pressão tão rica e variada do meio assim transformado pela necessidade incessante de reagir a ele” (FRIEDMAN, 1968, p. 34).

Atualmente, os processos informacionais em curso têm penetrado todas as esferas da vida social, sinalizando uma tendência: a organização da sociedade segundo critérios da digitalização. Vivemos um período marcado pela administração digital do mundo, uma humanidade aumentada pela assistência algorítmica das tecnologias digitais, pois, os objetos técnicos passam a constituir extensões operativas fundamentais na sociabilidade (SADIN, 2018). Esses objetos técnicos possibilitam a captação e produção de informações (relações econômicas, sociabilidades), bem como, a apropriação de sentimentos e afetos. Esses processos emergem a partir da íntima conexão entre ciência e técnica. Segundo Milton Santos, “hoje, o processo criativo de novos objetos, novas engrenagens, novos materiais, novas apropriações



das virtualidades da natureza é poderosamente multiplicado, graças, também, às associações cada vez mais íntimas entre ciência e técnica. (SANTOS, 2017, p. 177).

No Brasil, a pandemia de COVID-19 escancarou e aprofundou as contradições imanentes que estruturam o capitalismo periférico: a precarização do trabalho, a concentração de renda, a intensificação dramática das reformas neoliberais. Para Davis (2020, p. 12) a atual pandemia expõe uma crise desigual e expande o argumento de que “a globalização capitalista parece agora biologicamente insustentável na ausência de uma verdadeira infraestrutura de saúde pública internacional”.

Segundo Santos (2003) a extrema desigualdade e a pobreza urbana são traços constituintes da urbanização nos países periféricos. Com o processo de neoliberalização da economia brasileira, pós-2016, e com a chegada da pandemia da COVID-19 esses traços constituintes, de extrema desigualdade e pobreza urbana, atingem um patamar elevado, pois, a pandemia tem produzido desdobramentos devastadores sobre a população como: o aumento do desemprego estrutural, a redução significativa da renda, o aprofundamento do empobrecimento da população. Vejamos que, a partir de março de 2020 podemos identificar a eliminação de mais de 7,8 milhões de empregos, somado a isso, o IBGE/PNAD-COVID19 registrou o fechamento de 1,4 milhão de postos de trabalho³.

Se, por um lado a necessidade de distanciamento físico as plataformas digitais foram impostas ao nosso cotidiano durante a pandemia da COVID-19. Por outro lado, é nesse dramático cenário que um amplo contingente de trabalhadores, socialmente invisibilizados, encontra nas plataformas digitais uma alternativa de sobrevivência.

As empresas de plataforma digital como *iFood*, *UberEats*, *Loggi* e *Rappi*, estão promovendo uma renovação das formas de exploração do trabalho, por isso, acreditamos que existe uma estreita relação entre os seguintes elementos: a nova gerência algorítmica das empresas de tecnologias digitais, o aporte da *psicoesfera neoliberal*, (SILVA, *et al*, 2021) o desemprego estrutural e a alta permeabilidade do trabalho desprovido de regulações públicas.

Com a pandemia, podemos identificar a intensidade de certas interações econômicas, como, por exemplo, o crescimento de compras pela internet e por aplicativo, que tiveram alta de 30% durante a pandemia⁴. É nesse contexto que objetivamos problematizar a inserção dos entregadores das plataformas digitais.

³ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). PNAD-COVID19. Disponível em: <https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid>

⁴ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/compras-por-aplicativos-tem-alta-de-30-durante-pandemia-diz-pesquisa> Acesso em 03/09/2021.



A figura do ciclista que pedala longas horas com uma grande caixa em suas costas está cada vez mais presente nas ruas de Campos dos Goytacazes⁵. Os entregadores/as ciclistas por aplicativo são os que atuam na ponta mais precária dos circuitos do trabalho das plataformas digitais, garantindo parte da circulação de mercadorias no espaço urbano. Essa categoria emerge junto com o fenômeno da uberização, trata-se de um trabalho de baixa remuneração que, em larga medida, é realizado por jovens negros/as que moram em localidades periféricas e têm suas identidades atreladas à marginalidade e descartabilidade social. Nesse momento de pandemia, para que uma parcela da população tenha o privilégio de adotar medidas de isolamento social, estes trabalhadores estão nas ruas, destituídos de regulações protetivas e impulsionados pelo imperativo da sobrevivência. O relatório técnico realizado pela *Rede de Estudos e Monitoramento Interdisciplinar da Reforma Trabalhista* (2020) mostra que, durante a pandemia, daqueles entregadores por aplicativo que trabalharam mais que 15 horas, 78,6% relataram queda em seu rendimento e 21,4% relataram que se manteve no valor. Portanto, apesar das longas jornadas de trabalho houve queda de rendimento⁶.

Entendemos uberização como uma nova forma de controle, gerenciamento e organização do trabalho. Segundo Abílio (2019) a uberização não se inicia com a entrada da empresa *Uber* no mercado, bem como, não se restringe única e exclusivamente ao desenvolvimento das plataformas digitais. Ao olhar para uberização, precisamos compreender um conjunto de processos em curso no mundo do trabalho, a partir do vínculo estrutural entre as transformações técnicas da organização do mundo do trabalho e sua relação intrínseca com as transformações políticas contemporâneas – a flexibilização do trabalho, as décadas de políticas neoliberais, as novas formas de organização do trabalho, a eliminação de direitos e garantias trabalhistas. Desta forma, a uberização não seria possível sem um sistema de normas correspondente a essa nova relação entre as empresas e os trabalhadores.

Os elementos centrais que caracterizam a uberização, estão intimamente ligados a uma nova tendência que atravessa o mundo do trabalho: “a consolidação do trabalhador *just-in-time*” (ABÍLIO, 2020). Quem é esse trabalhador *just-in-time*? É o trabalhador subordinado e permanentemente disponível para o trabalho, que exerce funções sem assalariamento formal,

⁵ Reportagem: “Desemprego em Campos aumenta informalidade e o número de entregadores que pedalam para aplicativos”. Disponível em: <https://www.folha1.com.br/conteudo/2020/01/blogs/blogdogilberto/1257209-desemprego-em-campos-aumenta-o-numero-de-entregadores-que-pedalam-entregando-para-aplicativos.html> Acesso em 07/07/2020.

⁶ Relatório disponível em: <https://www.eco.unicamp.br/remir/index.php/remir-na-midia/170-bbc-07-de-maio-de-2021> Acesso em 03/09/2021.



mas, se engaja no trabalho aderindo às plataformas digitais como um autogerente aparentemente autônomo, que assume os custos e riscos de seu trabalho.

A partir da mediação das plataformas digitais, as empresas de tecnologias digitais possuem a capacidade de armazenamento e análise de dados, tornando o trabalho mais coordenável, pois, ao mesmo tempo em que transferem para os trabalhadores a administração do seu tempo de trabalho, as empresas controlam a produção real desses trabalhadores e podem determinar em que parte do território esses trabalhadores vão exercer suas atividades. Essa nova forma de controle e centralização de uma multidão de trabalhadores é denominada por Harvey (1992) de “organização na dispersão”.

A uberização generaliza um tipo de apropriação da força de trabalho que impulsiona o trabalhador a estar permanentemente disponível em determinados lugares, mas apenas utiliza essa força de trabalho a partir de demandas momentâneas. Os entregadores/as ciclistas por aplicativo, por exemplo, precisam pedalar até os bairros centrais aguardando nas proximidades de restaurantes e *shopping centers* os pedidos de entrega – que não estão garantidos! Deste modo, embora sua disponibilidade seja integral, sua jornada de trabalho concreta só se efetiva nos limites das entregas realizadas. Com isso, o tempo de intervalo entre as entregas torna-se, potencialmente, tempo condicionado estrategicamente pelas plataformas digitais, que vão exigir a resposta imediata do entregador caso novas solicitações de entrega apareçam. Com a regulação do contrato de trabalho intermitente⁷, a reforma trabalhista aponta esse horizonte ao buscar vincular a remuneração à produção e não ao tempo integral de disponibilidade do trabalhador, ou seja, só há remuneração quando o trabalhador estiver efetivamente produzindo.

Quanto ao gerenciamento subordinado – travestido de autonomia para o trabalhador – vemos que as empresas de tecnologias digitais possuem o controle sobre os trabalhadores, mapeando e distribuindo a oferta de trabalho. Deste modo, não existe qualquer lastro de autonomia nos processos de trabalho pois, inclusive, são as empresas que determinam os valores, operam a distribuição do trabalho e as regras que contornam essa distribuição territorial. As empresas de tecnologias digitais, a partir da gerência algorítmica conseguem direcionar seus entregadores para as localidades que lhe são mais lucrativas, ainda que o trabalhador pense ter total autonomia de escolha. Nesse sentido, podemos partir da hipótese de que essa distribuição de fluxos acaba por realizar uma concentração de entregadores em regiões

⁷ Considera-se como intermitente o Contrato de Trabalho no qual a prestação de serviços, com subordinação, não é contínua, ocorrendo com alternância de períodos de prestação de serviços e de inatividade, determinados em horas, dias ou meses, independentemente do tipo de atividade do empregado e do empregador (BRASIL, 2017, p. 9).



específicas, gerando grande competitividade entre os trabalhadores e restringindo seu mapa de atuação, ou seja, limitando-se às regiões centrais da cidade e deletando as localidades periféricas. Ou seja, a gestão algorítmica reforça as desigualdades preexistentes e geram outras.

No trabalho dos entregadores/as ciclistas por aplicativo podemos visualizar os elementos estruturantes dessa nova forma de organização do trabalho sumariados acima. A uberização nos evidencia a generalização do trabalho flexibilizado: a transformação contínua do trabalhador em “empresário de si mesmo”, o microempreendedor totalmente disponível ao trabalho. Essa flexibilização materializa a possibilidade de supressão das garantias mínimas do trabalho e, no horizonte das relações trabalhistas, aponta para a subordinação do trabalho com a ausência de garantias sociais e de assalariamento formal (POCHMANN, 2017).

Em relação a contribuição de uma leitura da economia urbana campista, Souza (1999) nos mostra que, ao apreendermos a cidade por meio do conceito de totalidade podemos interpretá-la em suas múltiplas manifestações, não correndo o risco de realizarmos uma interpretação circunscrita apenas a uma de suas feições, o crescimento da riqueza, negligenciando a vida daqueles que vivem na pobreza, por isso, não podemos perder no urbano e na cidade a ideia de totalidade. Portanto, apreendermos a cidade como “espaço banal de todos os homens” (SANTOS, 2002) implica interpretar a cidade a partir da categoria circuito espacial de produção e sua divisão analítica em circuito superior e inferior.

Segundo Santos (2004; 2009) podemos investigar a reprodução da desigualdade na economia urbana dos países periféricos a partir dos dois circuitos: o superior e o inferior, “cada circuito forma um subsistema do sistema urbano” (SANTOS, 2004, p. 16), ou seja, esse modelo teórico-metodológico reconhece os circuitos/subsistemas superior e inferior como parte de uma estrutura urbana global. A pertinência da categoria circuito espacial de produção se assenta na possibilidade de apreensão do movimento das relações, que não se limita à dimensão econômica, mas, engloba relações sociais, políticas e territoriais.

Podemos analisar os serviços por aplicativo a partir da teoria dos dois circuitos da economia urbana, essa perspectiva teórico-metodológica nos permite lançar contributos explicativos quanto ao território usado, mostrando que o *circuito superior* das empresas de plataforma digital tem aprofundado suas articulações com o *circuito inferior* pelas novas formas de subsunção do trabalho que deflagra, o que resulta na intensificação da exploração do trabalho e precarização generalizada sobre os espaços locais e regionais.

Vejamos que, o circuito superior emana diretamente da modernização tecnológica, caracterizando-se pela fluidez e flexibilidade e sua referência é nacional e internacional, mais bem representada nos monopólios, ou seja, o circuito superior é o das grandes empresas, como



as empresas de plataforma digital atuantes em escala global, e em sua base estão as novas tecnologias e o poder no mercado financeiro (SANTOS, 2009, p. 43). Os entregadores ciclistas por aplicativo encontram-se atuantes no circuito inferior, “o circuito inferior é formado de atividades de pequena escala, servindo, principalmente, à população pobre. Essas atividades estão profundamente implantadas dentro da cidade, usufruindo de um relacionamento privilegiado com a sua região” (SANTOS, 2009, p. 43).

No circuito inferior as atividades resultam, em grande parte, das relações mantidas com o circuito superior, do qual são dependentes. Nesse sentido, existe uma ligação funcional do circuito inferior com as tecnologias do circuito superior, tendo em vista que o circuito superior “usa em geral uma tecnologia capital intensivo importada, ao passo que no circuito inferior a tecnologia é, em grande parte, baseada no uso da mão de obra numerosa”. (SANTOS, 2009, p.49). Contudo, o circuito superior depende diretamente das relações regionais dinamizadas no espaço urbano, bem como, da extração de renda produzida pelo circuito inferior – a partir das atividades desempenhadas pelo uso dessa mão de obra numerosa – para realização da acumulação de capital. Portanto, o que podemos evidenciar é a atuação do circuito superior, a partir das empresas de tecnologias digitais, introduzindo as plataformas digitais no espaço urbano campista e fazendo uso do território (infraestrutura pública, sistema de trânsito e saúde) e uso dos instrumentos de trabalho financiados pelos próprios trabalhadores; ao mesmo tempo, repassando os riscos para esses trabalhadores. Pelo fato dessas empresas de tecnologias digitais que compõem o circuito superior se apresentarem como “mediadoras” entre prestadores de serviços autônomos/microempreendedores e clientes as relações de trabalho são realizadas desprovidas de regulações públicas (garantias, direitos trabalhistas etc.). Em suma, trata-se de atividades do circuito inferior de alta permeabilidade social e marcadas pela ausência de formas publicamente definidas. A opacidade dos algoritmos (ISRAEL, 2021) esconde a superexploração e desresponsabilização das empresas

A psicoesfera constitui elemento imprescindível de nossa pesquisa. Sua importância reside nas possibilidades de compreendermos as disposições subjetivas indispensáveis à construção dos consensos. Assim sendo, a psicoesfera, enquanto esfera diretiva de processos socialmente inscritos, nos permite apreender as formas de adesão e engajamento em trabalhos intermitentes e precários.

Em Delgado de Carvalho (1945) a psicoesfera é analisada como esfera que complementa a ação humana na terra, integradora das demais esferas, uma esfera imaterial que ganha existência atingindo objetividade prática em nosso cotidiano.



A psicosfera compreenderia, assim não apenas uma fase da adaptação mesológica, isto é, dos processos humanos de nutrir-se, de perpetuar-se (...) mas também os processos superiores de produzir, de comunicar-se, de organizar-se e de cultivar-se por meio de instituições como línguas, religiões, artes. Sem retirar o homem do nível orgânico no qual entra como fator na biosfera, acompanhamos, entretanto, a sua ação geográfica incessante, mesmo no nível espiritual e superior em que é talvez mais decisiva (CARVALHO, 1945, p. 1163).

Milton Santos (2013) reconhece a psicosfera como uma esfera imaterial que é fonte das nossas ações. Vejamos que, no contexto do trabalho uberizado, as empresas de tecnologias digitais instalam-se onde existe um sistema de objetos (internet, GPS etc.) possibilitado pelo processo de globalização. Esses espaços de globalização constituem-se por uma informatização e tecnificação do território usado e a difusão dessa tecnoesfera necessita de uma psicosfera, compreendida como “o resultado das crenças, desejos, vontades e hábitos que inspiram comportamentos filosóficos e práticos, as relações interpessoais e a comunhão com o Universo” (SANTOS, 2013, p. 30). Portanto, os sistemas de ações que compõem a psicosfera, engendram a generalização de determinadas intencionalidades, desejos, afetos, comportamentos.

Os nexos entre os circuitos superior e inferior são contornados por ações dos grupos hegemônicos que envolvem a técnica e a ciência, mas, também envolve ações práticas construídas a partir do uso da informação. Deste modo, o suporte da psicosfera aparece como elemento fundamental nas ações dos grupos hegemônicos de adesão generalizada de novos comportamentos e a proliferação exponencial de usos induzidos.

É a informação que permite a ação coordenada, no tempo e no espaço, indicando o momento e o lugar de cada gesto sugerido as séries temporais e os arranjos territoriais mais favoráveis a um rendimento máximo da tarefa projetada. A ação codificada é presidida por uma razão formalizada, ação não isolada e que arrasta, ação que se dá em sistema, e tem um papel fundamental na organização da vida coletiva e na condução da vida individual. (SANTOS, 2017, p. 223).

A psicosfera cumpre o papel de mundializar e internacionalizar representações do mundo com a materialização de determinado modo de vida, na padronização das imagens de mundo e produção de valores culturais formadores de identidade social (KAHIL, 2011). Na fabricação dos consensos, na desmobilização política e na adesão às formas de engajamento presentes no trabalho uberizado podemos sinalizar que existe uma racionalização técnico-científica que se apropria dos aparelhos psíquicos (pulsões, afetos, formas de reconhecimento, identidade etc.) com mecanismos eficazes para direcionar comportamentos e intencionalidades, podemos então falar de uma *psicosfera neoliberal* a partir de um meio geográfico que tem como elemento organizador os sistemas de objetos.



Segundo Dardot e Laval (2016) o neoliberalismo não se limita a uma doutrina econômica que preza pelo livre mercado e restrição da intervenção do Estado na dinâmica econômica. Para os autores, o neoliberalismo é a razão do capitalismo contemporâneo, pois, visa introjetar nos sujeitos determinados modos de agir e pensar e para isso cria tecnologias sofisticadas de formação e captura do indivíduo, mobilizando instituições, estruturas de controle da mídia, currículos escolares estimulando empreendedorismo. Portanto, compreendemos o neoliberalismo enquanto racionalidade política comprometida com a consolidação de valores como: liberdade individual, competitividade, empreendedorismo.

A psicoesfera utilizada pelas empresas de tecnologias digitais ressalta o culto à meritocracia, ao empreendedorismo, construindo um discurso idílico de promoção da chamada “economia de compartilhamento”. Conforme nos mostra Slee (2017) essas empresas se utilizam de discursos que “prometem ajudar prioritariamente vulneráveis a tomar controle de suas vidas tornando-os microempresários” (SLEE, 2017, p 22). Acreditamos que, o que está por trás dessa “promessa de ajudar os vulneráveis” é a apropriação produtiva de um modo de vida precário a partir de uma racionalidade que conduz o acesso de uma multidão de trabalhadores ao “privilégio da servidão” (ANTUNES, 2018).

Como poderíamos classificar como empreendedor um entregador ciclista por aplicativo que trabalha sob o sol abrasador do capital nas condições do circuito inferior da economia urbana? Portanto, o que podemos sinalizar é que essa nova racionalidade do *sujeito empreendedor* (DARDOT; LAVAL, 2016) é forma de manifestação da *psicoesfera neoliberal* acima mencionada. Somado a isso, para esses entregadores o circuito inferior aparece como possibilidade de sobrevivência e a realidade da pandemia do COVID-19 aprofunda essa tendência, tendo em vista que essa demanda por mão de obra se articula potencialmente com os atuais fluxos de desempregados em Campos dos Goytacazes. Portanto, a pandemia do COVID-19 coloca novos horizontes, de precarização generalizada, e apresenta desafios para o planejamento urbano articulado a um projeto cívico territorial.

METODOLOGIA

Quanto aos procedimentos metodológicos da pesquisa, utilizamos o levantamento bibliográfico sobre o trabalho por aplicativo, buscando investigar as raízes históricas da uberização e a influência dos avanços tecnológicos no mundo do trabalho. Por conseguinte, o levantamento de dados secundários sobre o trabalho e renda no Brasil e Campos dos Goytacazes, bem como, sobre as legislações que regulam a presença dessas empresas no município e as políticas públicas de emprego, trabalho e renda implementadas. Por fim, a



produção de dados primários com método qualitativo de entrevistas em profundidade utilizando como ferramenta metodológica o questionário semiestruturado. Nesse questionário buscamos investigar elementos constituintes da *psicoesfera neoliberal* a partir dos entregadores ciclistas por aplicativo, inferindo a relação desses entregadores a) com o sistema educacional, na medida em que o empreendedorismo encontra-se presente na grade curricular das escolas; b) com as igrejas, como espaço de interação permeado por valores e normas que direcionam as formas de reconhecimento e autorrealização individual e c) demais aspectos da sociabilidade desses entregadores como, espaços de consumo, lugares de participação na cidade como associações, coletivos, sindicatos etc. Acreditamos que a partir dos elementos metodológicos sumariados acima, podemos apreender o envolvimento subjetivo dos entregadores, ou seja, os campos de percepção e inteligibilidade que, em alguma medida, regem o engajamento consensual para o trabalho uberizado.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As conclusões provisórias⁸ sinalizam que o atual meio geográfico é condicionante na dinâmica das empresas de plataforma digital. Essas empresas necessitam de uma *tecnoesfera* – constituída por sistemas técnicos, infraestruturas urbanas e redes de comunicação – e uma *psicoesfera*, compreendida enquanto sistema de pensamentos, crenças e paixões (SANTOS, 1992) que mobiliza a construção de ações práticas, de trabalho e interação, potencialmente transformadoras do meio geográfico. Somado a isso, indicamos que as tendências de radicalização da digitalização do território e generalização do trabalho uberizado não estão próximas do fim, pelo contrário, essas tendências têm se fortalecido revelando a possibilidade de consolidação de um novo sistema de pensamento produzido e organizado pelo neoliberalismo, uma *psicoesfera* que expressa a radicalização do individualismo e sinaliza uma nova condição do sujeito, cuja disposição subjetiva encontra-se vinculada ao desempenho de ações instrumentalizadas de engajamento competitivo. Deste modo, podemos sinalizar que, em alguma medida, as ações públicas passam a constituir-se com referência a esta nova condição do sujeito empreendedor. Acreditamos que essa referência ao sujeito enquanto entidade em competição, e não mais como sujeito de direitos, aprofunda e reatualiza as expressões da questão social. Cabe ressaltar que, até o presente momento, Campos dos Goytacazes não possui nenhum registro de manifestações ou greves por parte dos entregadores e essa carência de formas de resistência pode sinalizar o fortalecimento da *psicoesfera neoliberal*. Em suma, a

⁸ A pesquisa encontra-se em andamento.



atual encruzilhada histórica que vivemos coloca novos horizontes (de precarização generalizada) e apresenta desafios para o planejamento urbano e para um projeto cívico-territorial digno.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

ABÍLIO, L. C. Uberização: a era do trabalhador just-in-time? Estudos Avançados, vol. 34 nº 98. São Paulo, 2020.

_____. Uberização: do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado. Psicoperspectivas, vol. 18 nº3. Valparaíso, 2019.

BRASIL. Lei Nº 13.467, de 13 de julho de 2017. Altera a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), Brasília, 2017.

CARVALHO, D. Evolução da geografia humana. Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, v. 3, n. 33, p. 1163-1172, 1945.

DARDOT, P; LAVAL, C. A nova razão do mundo. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAVIS, M. A crise do coronavírus é um monstro alimentado pelo capitalismo. In: DAVIS, Mike et al. Coronavírus e a luta de classes. Terra sem Amos: Brasil, 2020.

FRIEDMANN, G. 7 estudos sobre o homem e a técnica, São Paulo: DIFEL, 1968.

HARVEY, D. Neoliberalismo: histórias e implicações. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

_____. A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1992.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. PNAD-COVID19. Disponível em: <https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid> Acesso em 03/09/2021.

ISRAEL, C. B. Os rastros geodigitais enquanto processo de totalização da espacialidade algorítmica. Sobre as verticalidades da internet e do ciberespaço no período pandêmico. In: ARROYO, M. ANTAS, J. CONTEL, B. (orgs.). *Usos do território pandemia. Dinâmica e formas contemporâneas do meio técnico-científico-informacional*. Rio de Janeiro: Consequência, 2021.



KAHIL, S. P. Psicoesfera: uso corporativo da esfera técnica do território e o novo espírito do capitalismo. *Sociedade & Natureza*, vol.22, n.3, pp.475-485, 2010.

_____. Psicoesfera: a modernidade perversa. *Revista do Departamento de Geografia*, [S. l.], v. 11, p. 217-220, 2011.

SADIN, E. La humanidad aumentada. La administración digital del mundo. 1a. ed. em francês, 2013 ed. Buenos Aires: Caja Negra, 2018.

SANTOS, M. Pobreza Urbana. São Paulo: Edusp, 2009 [1978].

_____. O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. São Paulo: Edusp, 2004 [1979].

_____. A natureza do espaço – técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2002 [1996]

_____. Técnica, espaço e tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo: Edusp, 2013 [1994].

SILVA, S. C. Circuito espacial produtivo das confecções e exploração do trabalho na Metrópole de São Paulo. Os dois circuitos da economia urbana nos bairros do Brás e Bom Retiro (SP). Tese de Doutorado. Departamento de Geografia, Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2012.

SILVA, G. L. OLIVEIRA, J. V. RIBEIRO, R. H. Meio geográfico, cidade e psicoesfera: da pandemia à sindemia global da COVID-19. In: SILVA, M. W. RAMOS, T. RIBEIRO, D. A. (orgs.) *Pesquisas socioespaciais e ambientais*. São Carlos: Ed. Cubo, p. 31-47, 2021.

SLEE, T. Uberização: a nova onda do trabalho precarizado. São Paulo: Elefante, 2017.